

**caderno de  
educação**

**ilê aiyê** 1995—2013  
**projeto de extensão pedagógica**

**19**

**minas gerais,  
símbolo de  
resistência negra**







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

## prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

**prof. danillo barata**  
**pró-reitor de extensão e cultura da ufrb**

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA**

**Valéria Lima**

**ensaio**

**6**

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995). E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêntricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

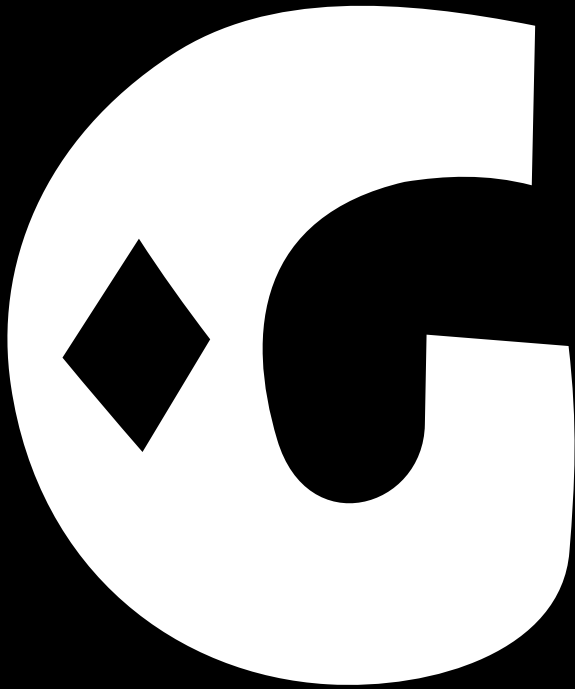
**OS ORIXÁS, INQUICES  
E VODUNS, QUE AQUI  
DESEMBARCAM COM OS  
AFRICANOS, FIZERAM  
MORADA EM TODAS AS  
REGIÕES DO BRASIL**

## **Abrangência**

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!





# sumário

4	prefácio
6	ensaio
17	minas são muitas minas
21	a contribuição dos africanos
24	inconfidência mineira
27	a resistência africana e afro-brasileira
32	a irmandade de nossa senhora do rosário
35	o congado
38	os arturos
44	a guarda congado de 13 de maio em concórdia
46	a dimensão religiosa dos congados e das irmandades
48	expressões que falam dos congados
51	entidades do movimento negro em minas gerais
53	tradicionais vultos negros
54	antologia poética
65	atividades pedagógicas

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# MINAS GERAIS, SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA NEGRA



1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Minas são muitas minas

01

Minas são muitas minas

Guimarães Rosa

## **Características Gerais**

É uma das 27 unidades federativas do Brasil, sendo a quarta maior em extensão territorial, que é de 586.528 km<sup>2</sup>, equivalente à França. Localiza-se no Sudeste e limita-se a sul e sudoeste com São Paulo, a oeste com o Mato Grosso do Sul e a noroeste com Goiás, incluindo uma pequena divisa com o Distrito Federal; a leste com o Espírito Santo, a sudeste com o Rio de Janeiro e a norte e nordeste com a Bahia. O atual governador do estado é Antônio Anastasia, que assumiu após a renúncia de Aécio Neves para disputar uma cadeira no Senado Federal.

O estado é o segundo mais populoso do Brasil, com pouco mais de 20 milhões de habitantes. Sua capital é a cidade de Belo Horizonte, que reúne em sua região metropolitana cerca de cinco milhões de habitantes, sendo, assim, a terceira maior aglomeração populacional do país.

Minas Gerais possui o terceiro maior Produto Interno Bruto do Brasil, superado apenas pelos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, embora em um importante indicador de capacidade econômica, a arrecadação de ICMS, Minas tenha superado o Rio de Janeiro na classificação nacional.

Também são muito importantes sob o aspecto histórico as cidades erguidas durante o ciclo do ouro no século XVII, que consolidaram a colonização do interior do país e estão espalhadas por todo o estado. Alguns eventos marcantes da história brasileira, como a Inconfidência Mineira, a Revolução de 1930, o Golpe Militar de 1964 e a campanha pela abertura política em meados da década de 1980, mais conhecida como Diretas Já, foram arquitetados em Minas Gerais.

Minas Gerais é o maior estado da Região Sudeste, quinto do país em área, segundo em população e o único da

região a não ser banhado pelo mar. Berço da mineração e das grandes lutas políticas pela Independência do Brasil, estado de homens bravos e artistas sensíveis, Minas Gerais conta nossa história através de suas obras de arte. Como se não bastasse, seu solo é fonte da mais pura e cristalina água mineral, fonte natural de saúde.

Seus 853 municípios são divididos em oito macrorregiões: Metalúrgica e Campo das Vertentes; Sul de Minas, Alto São Francisco; Vale do Jequitinhonha, Rio Doce, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; Zona da Mata e Noroeste.

## **A. Minas é Congo, Angola e Moçambique**

### **B. Etnias africanas que se reorganizam em Minas Gerais**

O tecido sociopolítico cultural africano em Minas Gerais vem do Reino de Ndongo, o Reino Jaga com seu Ingala, o Mani Congo, o domínio rainha Nzinga - todos constituindo uma linguagem enigmática de origem africana, que se encontra nos Reinados do Congo, nas Confrarias, Irmandades, Congados e Candombes de Minas Gerais e nas diferentes representações de pessoas, lugares e títulos que constituem o universo de cultura africana recriada em Minas Gerais.

Esta linguagem relembra a personagem da História Nizinga Nbandi, que nasceu no Udongo oriental, a líder dos povos Ambundos-Jaga, que habitavam as regiões de Ndongo e Matamba.

Partiam destas regiões povos africanos que aqui desembarcaram escravizados e com o tempo partiam para se organizar em Quilombos, onde formavam junto com Ambyndos um reinado cujo chefe era o Ingala.

Estes reinados aqui reorganizados eram estratégias alternativas criadas no interior do sistema colonial-escravagista, com suas diversidades internas, entre africanos, e externas pela imposição dos domínios coloniais através dos senhores de origem europeia. Civilizações africanas que se mesclavam sob a liderança de determinadas etnias e, de outro, lado a força da dominação, que se impunha pelas culturas europeias dos colonizadores criando a chamada diversidade radical.

### **C. Breve referência a respeito da presença africana no Estado de Minas Gerais**

A riqueza socioeconômica, histórico-cultural e geográfica de Minas Gerais se constitui da fertilidade de seu solo e das tradições culturais de seus povos, principalmente da significativa contribuição das etnias africanas que lhe dão origem. Minas Gerais acompanha três séculos de regime colonial escravocrata. Participa de uma abolição sociocultural, econômica e politicamente incapaz de assegurar aos ex-escravizados a dignidade formal imaterial de uma pessoa livre.

02

# A contribuição dos africanos aos processos de construção de Minas Gerais

## A. A presença africana nos séculos XVIII e XIX

Desde os tempos primordiais, todo o processo socioeconômico, político, cultural e religioso de Minas é sustentado pela força de trabalho dos africanos, transplantados para servir ao sistema colonial escravista no Brasil.

Os africanos sempre resistiram ao regime colonial que lhes escravizou. No século XVIII, já se tinha notícia da existência dos Reis Negros, Reis do Congo, Confrarias, Irmandades, devoção a Nossa Senhora do Rosário, Candomblé, Guardas de Congado, Moçambique, Catupés e Marujos.

No século XIX, Minas ocupava o primeiro

lugar entre os estados brasileiros que possuíam o maior número de africanos para trabalhar na mineração, na lavoura, na construção de Minas Gerais e suas riquezas. Os africanos e os seus descendentes criaram expressões de resistência nas Minas e pelas Minas.

## **B. O cultivo da terra, a mineração, a construção do patrimônio histórico das cidades monumentais**

Os africanos escravizados chegam a Minas Gerais para cultivar terras, para a cultura da cana-de-açúcar, o trabalho no garimpo, a extração das pedras preciosas, do ouro, a construção do patrimônio cultural e artístico de Minas com suas cidades históricas majestosas: Ouro Preto, Mariana, Sabará, São João Del Rey e Diamantina, com suas riquezas e belezas exuberantes.

Remanescentes deste processo histórico, os africanos e seus descendentes contribuíram em todo o processo colonial-escravista na lavoura, mineração, construção civil - indústrias hoje atiradas no desemprego e subemprego nas grandes cidades e suas periferias e no campo.

Pesquisas realizadas apontam que em 1738 havia mais de cem mil africanos escravizados trabalhando nas minas de ouro de Minas Gerais.

Em 1888, a abolição lhes atira à condição de “livres” da escravidão formal, mas eles seguem acorrentados pelo sistema que continua a pesar sobre eles fora das senzalas, sem condições mínimas de habitação, saúde, alimentação, educação, condições ambientais e, sobretudo sem meios para viver com dignidade, por falta de condições materiais e liberdade para desenvolver-se plenamente.

## **C. Ouro Preto**

Patrimônio Mundial da Humanidade. Importante cidade do circuito do ouro. Considerada uma das mais belas cidades históricas. Em cada esquina, em cada beco, em cada canto os visitantes se deparam com construções coloniais e igrejas centenárias de conjunto arquitetônico barroco, um dos maiores do mundo. Ouro Preto é uma pérola mineira, com os museus e o encanto da arte de Aleijadinho.

A arte da culinária e a diversidade dos sabores estão presentes nos botecos, bares, restaurantes e eventos gastronômicos.

Festividades em Ouro Preto: A festa do Reinado de Chico Rei; o Carnaval, a Semana Santa, o Festival de Cinema, o Festival Internacional “Tudo é Jazz”, Festival Internacional de Corais, o Fórum literário de Ouro Preto e as Festas do Divino.

Belezas Naturais de Ouro Preto: Cachoeira das Andorinhas, o Pico do Itacolomi, o Tripui, o Horto dos Contos, montanhas, campos, o caminho por onde passaram os Bandeirantes, lugares de eco-turismo.

A tradicional locomotiva da Maria Fumaça é um destaque das tradições de Ouro Preto. Ouro Preto é berço de músicos, compositores, artistas e intelectuais de diferentes áreas.

Tudo em Ouro Preto apresenta o trabalho, a arte, a música, o pensamento e as contribuições das milenares tradições africanas.

**Fonte:** Ouro Preto meu destino-Secretaria de Cultura e Turismo de Ouro Preto

# Inconfidência mineira

## 03

A Inconfidência Mineira foi um dos mais importantes movimentos sociais da História do Brasil. Significou a luta do povo brasileiro pela liberdade e contra a opressão do governo português no período colonial. Ocorreu em Minas Gerais no ano de 1789, em pleno ciclo do ouro.

No final do século XVIII, o Brasil ainda era colônia de Portugal e sofria com os abusos políticos e com a cobrança de altas taxas e impostos. Além disso, a metrópole havia decretado uma série de leis que prejudicavam o desenvolvimento industrial e comercial do Brasil. No ano de 1785, por exemplo, Portugal decretou uma lei que proibia o funcionamento de indústrias fabris em território brasileiro.

Vale lembrar também que, neste período, era grande a extração de ouro, principalmente na região de Minas Gerais.

Os brasileiros que encontravam ouro deviam pagar o quinto, ou seja, vinte por cento de todo ouro encontrado acabava nos cofres portugueses. Aqueles que eram pegos com ouro “ilegal” (sem ter pagado o imposto) sofriam duras penas, podendo até ser degredados (enviados à força para o território africano). Com a exploração, o ouro começou a diminuir nas minas. Mesmo assim, as autoridades portuguesas não diminuía as cobranças. Nesta época, Portugal criou a Derrama.

Esta funcionava da seguinte forma: cada região de exploração de ouro deveria pagar 100 arrobas de ouro (1500 quilos) por ano para a metrópole. Quando a região não conseguia cumprir estas exigências, soldados da coroa entravam nas casas das famílias para retirarem os pertences até completar o valor devido.

Todas estas atitudes foram provocando uma insatisfação muito grande no povo e, principalmente, nos fazendeiros rurais e donos de minas que queriam pagar menos impostos e ter mais participação na vida política do país. Alguns membros da elite brasileira (intelectuais, fazendeiros, militares e donos de minas), influenciados pelas ideias de liberdade que vinham do Iluminismo europeu, começaram a se reunir para buscar uma solução definitiva para o problema: a conquista da Independência do Brasil.

Os Inconfidentes - O grupo, liderado pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, conhecido por Tiradentes, era formado pelos poetas Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, além do dono de mina Inácio de Alvarenga, o padre Rolim, entre outros representantes da elite mineira.

A ideia do grupo era conquistar a liberdade definitiva e implantar um sistema de governo republicano em nosso país. Sobre a questão da escravidão, o grupo não possuía uma posição definida. Estes inconfidentes chegaram a definir até mesmo uma nova bandeira para o Brasil. Ela seria composta por um triângulo vermelho num fundo branco, com a inscrição em latim:

Libertas Quae Sera Tamen (Liberdade ainda que Tardia).

# A resistência africana e afro- brasileira

04

## **Griots da História Afro-Brasileira**

Dessas Serras Gerais: Congos, Moçabiques, Marujos, Catupés, Candomblés, Vilões, Cablocos na sua variedade rítmica, cromática, performam cânticos, gestos e falas. São os Griots, que mesclam a história e a memória entre África e Brasil. (Martins, 1997 pag. 56) A resistência com a qual os africanos e afro-brasileiros subsistem há cinco séculos vai recriando, reelaborando novas expressões de resistência nos Maracatus, nos bailes do Congo, na Folia de São Benedito, nas Cavalhadas, Ternos de Congo, Batuques do Gongo, Dança do Bambá e Vissungos. O maior objetivo é reduzir as desigualdades e criar núcleos de identidade.

Os autores mineiros e estudiosos de Minas Gerais falam de um Patrimônio Barroco Mineiro unido por estradas de ferro de grande porte, tecnologias avançadas de uma gastronomia tecnicamente superior, considerada entre as mais originais, respeitadas e apreciadas do país.

A inteligência dos escravizados iluminava os caminhos que eles percorriam, construindo estradas palmilhadas de ouro, pedras preciosas; trabalhando na cana-de-açúcar e produção de café e construindo patrimônio histórico-cultural. Tudo era riqueza que não lhes pertencia. E tudo inspirava a busca de outros caminhos, que lhes tornassem livres, que lhes dessem oportunidades de reconstruir as memórias de suas civilizações, culturas e ancestrais.

Os objetivos maiores eram liberdade, identidade, afirmação e manutenção de valores, tradições culturais, religiosas e familiares.

A sociabilidade dos africanos e seus descendentes fortaleciam suas expressões de resistência identitárias.

## **A. As Confrarias**

Em meio às afinidades e diferenças, surgiam entre as etnias africanas as Confrarias Negras. Uma das expressões mais fortes destas confrarias eram as coroações e celebrações dos reis Negros, reis de Congo, reis de Minas, criando marcas africanas visíveis na sociedade colonial mantida pela escravatura.

### **1.1 RELIGIOSIDADE DO NEGRO EM MINAS**

#### **GERAIS: CATOLICISMO E RESISTÊNCIA**

“Acreditamos que a religiosidade do negro em Minas Gerais estava na dependência das Confrarias. Os fatores determi-

nantes do catolicismo negro se ligam à lei de relações entre extrativismo, coroa portuguesa, igreja, Confraria, culminando na Ação das Irmandades.

... Mas a religiosidade africana sobreviveu em níveis profundos, ainda que encoberta por um verniz de cristianização, o que faz do catolicismo do negro mineiro uma forma de resistência” (Gomes e Pereira, 1988. Pag 20)

## **B. Irmandades**

Irmandades são espaços de preservação de tradições africanas, de recriação de laço comunitário, estilizados pelo tráfico e pela escravidão. São espaços de organização de novas hierarquias; construção de identidades grupais; inserção forçada dos negros no mundo colonial através de sua própria ação e a criatividade. (Martins, 1997)

## **C. Os Reis Negros do Congo**

Na estrutura ritual das cerimônias de Reinado, a Rainha e o Rei do Congo representam as Nações Negra Africanas.

Os instrumentos de percussão abriam o CORTEJO DOS REIS NEGROS, orquestrados pelo “rolar surdo das caixas de guerra, e sonoridade dos chocalhos”.

Desde o início do século XVII, a tradição dos Reis Negros é conhecida em Portugal, Espanha, América Espanhola, Ilhas do Caribe e América Portuguesa. Essa tradição fincou raízes e se transforma em resistência entre africanos que se tornavam Malungos companheiros.

Entre as instituições que se criaram entre diversidades étnicas e culturais, a autoridade máxima em Minas Gerais era o Rei do Congo. O MPU era a insígnia mais importante atribuída ao Manicongo.

## **D. Chico Rei**

“O conhecimento e o saber vem desses antepassados ancestrais, cuja energia revitaliza o presente”. (Martins 1997, pág. 88)

O local da antiga e lendária Mina de Chico Rei é hoje sítio histórico e de visitação turística na cidade de Ouro Preto. Em Sete Lagoas, próximo a Belo Horizonte, uma das majestades do Reinado, o lugar personifica o ancestral soberano Chico Rei, afirmando-se a seus descendentes. (Martins 1997, pág. 36)

## **E. Mercados e Exposições: objetos de arte e utilidades do cotidiano**

No Mercado Central e Palácio das Artes de Belo Horizonte encontram-se objetos de arte e utilidades:

1. **Em pedra sabão:** panelas, tigelas, jarros e peças de decoração
2. **Em cerâmica:** mulheres namoradeiras, galinha de Angola, vasos, pratos, panela decorados, bonecas, aparelho de jantar decorados
3. Cestaria em palha com de 10 a 15 modelos diferentes de peneiras e cestas
4. **Madeira:** gamelas
5. A arte da Cantaria
6. Miniaturas em cobre
7. Réplicas das cidades e monumentos históricos
8. **Cristais em Murana:** vasos e objetos de decoração
9. Espantalhos em pano: palhaços, bonecas, bonecos
10. Baús de palha de milho
11. Tambores mineiros
12. **Essências:** perfumes feitos de ervas, folhas, raízes
13. Cabaças de diferentes tamanhos.

Neste espaço, encontram-se duas casas com produtos religiosos de origem africana e indígena, incluindo-se plantas medicinais: aroeira, jequitibá, camomila, sete ervas, carambola, eucalipto, calêndula, sálvia, alcachofra, malva, unha-de-gato, própolis, ginkgo biloba, marapuana e algas marinhas. Estas plantas vêm principalmente de Esmeraldas, Nova Lima, Ibirité, Santa Luzia, Betim, Pedro Leopoldo e Contagem. As plantas medicinais têm utilidades diversas: terapêuticas, rituais, e na vida cotidiana. A aroeira, por exemplo, é remédio e tem valor simbólico; o tronco, o fruto, a casca têm significados terapêuticos e curativos. Daí dizer-se: o negro é forte com um tronco de aroeira.

05

# A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Gerais- Undanbá Berê- Berê

"A gunga canta, a gunga  
chora, a gunga sara,  
celebrando zambi."

As Irmandades marcaram a vida religiosa dos negros em Minas Gerais. (Melo, 2002).

Os africanos se reúnem festejando a Senhora das Águas, os Santos dos Pretos, o Rosário de Ingoma, fabulando, dançando a história dos negros que vieram do além-mar.

“A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas” (MARTINS, 1997)

As diferenças étnicas e culturais organizavam seus espaços e tinham seus propósitos. Em Mariana e Vila Rica, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; em Sabará e Santa Quitéria, o Santíssimo.

Rosário para os negros escravos e forros, Santíssimo Sacramento para os brancos: as diferentes histórias localizam as escolhas de cada segmento de população ou grupo étnico.

### **A. A lenda de Nossa Senhora do Rosário Mar**

Uma das versões mais recorrente em Minas nos conta que, no tempo da escravidão, os negros escravizados viram uma imagem da santa vagando nas águas do mar. Os brancos a resgataram e entronizaram numa capela construída pelos escravos, mas na qual os negros não podiam entrar.

Apesar dos hinos, preces e oferendas, no dia seguinte a imagem desaparecia do altar e voltava ao mar. Após várias tentativas frustradas de manter a santa na capela, os brancos rendem-se à insistência dos escravos e permitem que eles rezem para a imagem, à beira-mar.

“Uma guarda de Congo dirige-se, então, para a praia e com seu ritmo saltitante, sua coreografia ligeira, suas cores

vistosas, paramentos brilhantes e fitas coloridas, canta e dança para a divindade. A imagem movimenta-se nas águas, alça-se sobre o mar, mas não os acompanha.

Vêm, então, os moçambiqueiros, pretos velhos, pobres, com vestes simples, pés descalços, que trazem seus três tambores sagrados, os candombes, feitos de madeira oca e revestidos por folhas de inhame e bananeira. Com seu canto grave e glutal, seu ritmo pausado e denso, as gungas, seus patangomes e sua fé telúrica, cativam a santa que, sentada no tambor maior, o Santana ou Chama, acompanha-os devagar, sempre devagar.

Nas festividades, o terno ou guarda de Moçambique é o que conduz as majestades, as coroas e os coroados, e o que representa o poder espiritual maior nos rituais reencenados anualmente, poder esse que emana dos tambores sagrados e que guia o rito comunitário". (Martins, 1997, pág. 45)

## **B. A gunga e o Patangome**

São pequenas cabaças ou latinhas recheadas de chumbo ou peras, guizos, amarradas nos tornozelos, utilizadas como instrumento de ritmo pelos Moçambiques. No passado, eram presas um pouco abaixo dos joelhos. Patangome: instrumentos de ritmo manual, de forma arredondada e achatada. São fôrmas de zinco recheadas por pedras ou chumbo, tocadas por ambas as mãos.

# O congado

## 06

O Congado é uma comunidade mantida e preservada por uma hierarquia constituída de Reis e Rainhas do Império do Congo.

A festa do Congado local é o momento de ritualização do mito. É a ocasião na qual os negros homenageiam Nossa Senhora do Rosário ao lado dos Santos Negros.

A arte negra dos Congados e seus muitos saberes são portadores de uma herança ancestral que continua.

Há um conhecimento e um saber que vêm dos ancestrais e atravessa séculos de história.

Há uma mitologia que se expressa em belos rituais, essência de um cotidiano vivido nas fes-

tas, nos labores, nas rezas e nas relações familiares.

Esta mitologia que conta a história dos antepassados se passa unindo o sagrado e o profano, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral.

Os Reis e Rainhas no Congado são os líderes do cerimonial numa estrutura de poder fundamentada em posições hierárquicas rígidas (Martins, 1997, pág.47)

### **A. A Coroação dos Reis Negros do Congo**

A coroação dos reis do Congo integra a devoção negra a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Benedito, com seus estandartes simbólicos - rituais protetores guardiães de uma tradição que se renova a partir de uma vontade firme de manter a comunidade viva, com o esplendor de um Império. É no centro do sistema colonial-escravista que esta festa se realiza. Resistência para uns, rebeldia para outros, continuidade e a reafirmação de poderes para outros, em lados opostos, que convivem politicamente, como se fossem acordos celebrados entre as partes, negros africanos e senhores coloniais.

### **B. O levantamento do mastro**

É o ponto de ligação entre as energias do céu e da terra, entre vivos e mortos, corpo e alma.

### **C. A procissão**

As duas guardas saem juntas: Moçambique traz os troncos coroados: reis e rainhas

As bandeiras que vão à frente da guarda são os guias e puxam o Congado com as duas guardas do Congo e Moçambique.

Os instrumentos musicais que acompanham a procissão:

- ◆ **opatangome** fabricado na comunidade
- ◆ **agunga** no pé como se fosse um sino
- ◆ **os tambores da guarda** também fabricados na comunidade

## **D. Vestimenta: cores das guardas e trajes das mulheres**

Vestimenta: Os reis e rainhas vestem-se em roupas de gala, longas, amplas e revestidas de mantos longos com golas sobre os ombros.

Cores da Guarda: A guarda do Congo — rosa e branco. A Guarda de Moçambique: azul e branco. Roupas das mulheres: Calça branca (pode ser saia, blusa, azul clara); Faixa roxa na cintura-capacete.

# Os Arturos - uma das maiores expressões de Minas Gerais

## A. A origem dos Arturos

Arthur Camilo, nascido em 1880, falecido em 19 de dezembro de 1956, conheceu a escravidão da qual foi libertado pela Lei do Ventre Livre de 1871, que tornava libertos os filhos de africanos escravizados nascidos no Brasil.

Arthur Camilo trabalhou nas fazendas de grandes senhores cuidando de lavoura e gado; com o tempo, tornou-se pequeno tropeiro.

A comunidade dos Arturos tem sua origem numa raiz africana, provavelmente representada por um velho tronco portador de uma herança ancestral repassada de pai para filho.

O tronco vem do Camilo Silvério da Silva e

Felisbina Rita Cândida, cujas notícias são escassas. A verdadeira reconstituição nasce com o filho mais velho, Arthur Camilo Silvério, filho de pai escravizado, que incorpora a representação simbólica da árvore fundadora. Casado com Carmelinda Maria da Silva, perpetuam a família, hoje reconhecida na qualidade de fundadora da Comunidade dos Arturos em Contagem. O núcleo fundador da comunidade são os filhos de Arthur, hoje denominados: Arturos.

Geraldo Arthur Camilo, Conceição Natalícia da Silva (Tetane), Juventina Paula de Lima (Intina), Maria do Rosário da Silva (Induca), José Acácio da Silva (José Arthur), Isaíra María da Silva (Tita), Antônio Maria da Silva, Mário Braz da Luz, João Batista da Silva e Joaquim Bonifácio da Silva (Bil).

Pode-se afirmar que há uma continuidade ancestral africana na comunidade dos Arturos, que se consolida no dia a dia através do cultivo de um espelhamento na imagem da personalidade forte dos fundadores, sobretudo do Pai fundador que, pela oralidade, passou as tradições de religiosidade, de fé, força, unidade familiar e respeito aos antepassados. Com dinamismo, canto e dança, celebram a história dos antepassados e fazem devoção à Nossa Senhora do Rosário e aos santos Negros — o dom, o conselho e a sabedoria.

## **B. Quem são os Arturos**

O cidadão Arturo é mineiro e brasileiro. Durante a semana, vive com outras pessoas no mercado, na feira, na oficina, onde quer que esteja a realidade de um cidadão ou cidadã do Brasil.

Junto com sua comunidade, ele representa a realidade da África, a voz da África: história, cultura, linguagem, antepassados, música, ritmo, canto, dança e vestuário próprio.

Ele organiza a resistência, reconstitui laços comunitários e familiares, sempre em direção à Terra Mãe.

Para os Arturos, a afirmação da identidade; a continuidade dos ancestrais; o respeito ao sagrado; a preservação e união da família biológica, religiosa e comunitária são seus valores e princípios de primeira grandeza.

Há um dinamismo sociocultural e histórico que impulsiona a comunidade na vivência de um ritual que homenageia os antepassados e reverencia Nossa Senhora do Rosário e a devoção aos santos negros: Santa Efigênia e São Benedito.

As representações simbólicas dos Arturos incorporam valores africanos, que se somam a relíquias da história contemporânea.

Para os autores mineiros, “os Arturos reinterpretam o cristianismo usando o código dos antepassados”. Nos momentos da festa, eles se apresentam transmutados em filhos e filhas do Rosário.

*“O cenário da mineração vai gerar o catolicismo de Confraria, através do qual a Igreja estende seu controle sob os da Irmandade, principalmente os negros”. (GOMES E PEREIRA, 1998. PÁG. 17).*

### **C. Os Arturos e a cidade de Contagem**

Se os Arturos são hoje mantenedores de uma cultura de raízes africanas, é porque viveram em Minas Gerais, no município de Contagem, ponto de fiscalização de mercadorias humanas que por ali transitavam a partir do século XVIII.

“... Contagem era o centro onde se cruzavam as duas vertentes importantes para a distribuição do comércio interno do Estado na linha Oeste-Centro-Bahia-Rio São Francisco.

Saindo de Contagem, a primeira linha atingia Curral Del Rey, e posteriormente Sabará, enquanto o segundo caminho se dirigia a Itabira do Campo, passando por Ribeirão Preto e Ribeirão do Carmo". (Gomes e Pereira 1998. pág. 24)

## **D. O Altar do Congado dos Arturos**

As tradições repassadas estão vivas sob o Congado dos Arturos em Contagem. São relíquias denominadas instrumentos sagrados, objetos simbólicos e rituais.

1. As imagens dos Santos de devoção, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito;
2. As Bandeiras do Congado, que são estandartes com símbolos representativos dos fundamentos do Congado;
3. As coroas dos Reis e das Rainhas do Congado;
4. Os bastões dos capitães, reis e rainhas do Congado;
5. As espadas que “guardam” as coroas;
6. As fotos dos fundadores e do Patrono do Congado no Brasil, Sr. José Aristides.

Na organização das festas, os instrumentos sagrados saem dos altares, realizam o percurso da festa e retornam à comunidade para serem recolhidos no altar da capela. A Rainha do Congo e o Rei do Congo do Estado eram filhos do Sr. Arthur. Dentre os filhos citados, hoje encontram-se vivos na comunidade o Sr. Antonio, Capitão Regente e Sr. Mário, o Benzedor da Comunidade.

## **E. A atual estrutura da comunidade dos Arturos**

O Sr. José Bonifácio, filho de Conceição, a Rainha do Império, é o presidente da Irmandade e mestre da Guarda de Congo.

A comunidade dos Arturos conta hoje com 90 famílias, num total de aproximadamente 500 pessoas. A maior par-

te constituída de descendentes diretos de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, dos quais 70 famílias residem na comunidade.

A Rainha de Nossa Senhora da Guia, Goreth, vive na comunidade há 18 anos, casada com um filho do benzedor da comunidade.

O Rei do Forasteiro e o Coordenador de Eventos, Sr. Jorge, faz parte da estrutura do funcionamento da comunidade. O Sr. Jorge declara que não nasceu na comunidade, mas se sente um Arturo de sangue. Ele tem orgulho de ser representante dos Arturos e vive há 42 anos na comunidade.

## **F. As guardas do Congo e Moçambique**

O Congado dos Arturos tem duas guardas: a guarda do Congo e a guarda de Moçambique.

## **G. As celebrações internas e externas do Congado**

**Internas:** o candombe, o batuque

**Externa:** a folia de reis, João do Mato

## **H. O Candombe**

Candombe é o tambor sagrado. É um desafio, uma brincadeira de gente forte que coloca “pontos” e que conta histórias do passado.

O Candombe nasce com uma expressão quando Nossa Senhora apareceu no mar. Ela foi tirada com o Candombe. Foi o tambor dos negros que tirou Nossa Senhora do mar. Então construíram uma capelinha para ela e realizam uma celebração que começa assim: É timborete sagrado, com licença awé, awé, awé!

### **I. A Folia de Reis**

A folia de Reis celebra a chegada dos Reis Magos à Lapinha, para saudar a família sagrada.

### **J. A festa do João do Mato**

É uma brincadeira que se passa entre cultivadores nas fazendas, nas roças e nas plantações.

### **K. A participação do Congado nas comemorações do Movimento Negro: O 20 de novembro - Dia da Consciência Negra**

No dia 20 de novembro, as comunidades negras celebram a imortalidade de Zumbi dos Palmares, data consagrada ao dia da Consciência Negra.

Os Congados nesta data se reúnem na praça principal de Contagem para realizar um evento comemorativo.

# A guarda Congado de 13 de maio em Concórdia

08

## **A. Dona Isabel, Rainha Conga do Estado de Minas Gerais e da Guarda 13 de maio**

A Rainha Conga do Estado de Minas Gerais é Dona Isabel, filha de Dona Maria Casemiro das Dores. Rainha da Guarda 13 de Maio, criado em 1944.

Atualmente, Dona Isabel é também a Rainha Conga da Guarda de Moçambique e Congo 13 de Maio, além de ser representante das Rainhas.

O Congado 13 de Maio tem duas guardas, bandas ou cortes: Congo e Moçambique.

O Congado 13 de maio tem suas festas anunciadas pelo Boi Embaixador, que a partir do dia 1º

de maio sai pelos bairros anunciando o 13 de maio.

A guarda de Congado tem uma guarda feminina e, como outros Congados, tem suas bandeiras, seus estandartes, sua hierarquia e seus santos de devoção, especialmente a Nossa Senhora da Rosário. O Presidente da Guarda é Efigênio Casemiro.

## **B. Objetos sagrados**

São objetos sagrados do Congado de 13 de Maio a Bandeira do Rosário, a Bandeira de Santa Efigênia, a coroa da Rainha Maria Casemira das Dores e o Rosário, que é muito importante.

## **C. A composição da Guarda**

O capitão-mor que tira os cantos. Os alferes de bandeira. O capitão da guarda do Congo. A Mestre. Os instrumentos musicais: a caixa, os patangomes, a espada e o tamborim. O congo dança com o bastão, a dança de Manguara.

# A dimensão religiosa dos congados e das irmandades

Uma instituição de reinado ou Congado é uma religião.

As Confrarias e as Irmandades construíram, em Minas Gerais, uma religiosidade afro-brasileira.

Os santos de devoção dos Congados - Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia - são guardas protetores.

Há uma lenda que conta que São Benedito levava comida escondida para os pobres e, um dia, os “senhores da ordem” pediram para ver o que ele levava. Ao descobrir os pratos, a comida se transformou em flores.

Os instrumentos que constituem o Altar da Guarda, que são levados à procissão nas grandes

celebrações dos reinados, são considerados objetos sagrados.

O Rosário é um dos objetos sagrados mais importantes nos paramentos da Guarda. Hoje há uma compreensão maior de que as tradições religiosas do Congado são formas de celebrações que mantêm viva a história, a cultura e a religião dos antepassados africanos em terras de diáspora.

As procissões e os desfiles dos reinados do Congado têm uma dimensão profundamente religiosa.

São os santos de devoção e os objetos sagrados que saem dos altares em procissão abençoando a comunidade. A representação simbólica da coroação do Rei de Congo tem origens em tradições religiosas, seja no continente africano, seja na Europa.

### **A. Religiosidade, identidade e afro-descendência nos Reinados do Congo e Moçambique em Minas Gerais**

A ancestralidade africana, o catolicismo antigo e as referências identitárias dos afro-descendentes se fazem presentes na festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Quando as Guardas de Congo e Moçambique, através de suas caixas de percussão, patangomes, gungas, danças e cânticos de Nossa Senhora do Rosário vão para as ruas e igrejas, realizam um momento ímpar dessa relação entre as matriizes africanas e afro-descendência. No canto e na dança dos velhos congadeiros e no Moçambique, encontram-se muito mais do que referências identitárias afro-descendentes, pois identificam a memória e saudade nostálgica da África. (Santos, 2010. pág. 111)

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Expressões que falam dos congados

10



48

## Repertórios Oraís e Escritos

- ◆ Deixa o meu GUNGA passar;
- ◆ Reinos Negros, Irmandades do Rosário: Reis, Rainhas, Capitães, Dançantes e Amigos;
- ◆ Linguagem de Queto e Berguela;
- ◆ As falas dos Congadeiros rege as palavras deste Tema. (Martins 1997).
- ◆ A Oralidade dos reinados negros: coroas, tambores, bandeiras, bastões, tamboris, rosário de contas negras do Reinado.
- ◆ Rainha da Terra, Rainha do Mar, Rainha das Águas; A Gunga conta, a Gunga chora, a Gunga Saravá;
- ◆ Em Minas Gerais, os festejos de Reinado constituem e fundam uma das mais ricas e dinâmicas matrizes da Memória Banto;
- ◆ Tiribumbo é bangolê, Tiribumbo é bangolá, Cace bamba awe;
- ◆ Candombe na língua Angola é dança sagrada, canjiré de negros;
- ◆ Banque - conjunto de instrumentos físicos, canto e dança ao som de palmas;
- ◆ Angana: tratamentos que os escravizados davam às senhoras;
- ◆ Aguenda: despedida, chamado para partir,
- ◆ Ajundá: monte, colina;
- ◆ Bamba jambé - Bamba Querë - Bamba Senhá;
- ◆ Caicaia: avó materna, avó da vida;
- ◆ Calunga Grande: mar, oceano;
- ◆ Calunga Pequeno: pedido de retorno à terra de origem, o fundo da terra, o abismo;
- ◆ Candombe dança sagrada, cangiré de negros, ritual de

canto e dança e desafios em homenagens aos antepassados. Uma das grandes fraternidades de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos Pretos em Minas Gerais;

- ◆ Canjá: instrumento musical;
- ◆ Canjari: danças rituais em forma circular;
- ◆ Embanda: feiticheiro;
- ◆ Etana Zambé: tambor,
- ◆ Ganatambi: Deus Supremo;
- ◆ Gunga - instrumento utilizado nos tornozelos dos dançantes das guardas de Moçambique;
- ◆ Ingoma Tambor, Toque de Tambor, conjunto de danças de Congado. Toque de tambor;
- ◆ Jamzá: ouro;
- ◆ Macuramdamba: negro velho, feiticheiro;
- ◆ Marafá: cachaça;

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Entidades do movimento negro em Minas Gerais

11



51

A mais antiga comunidade negra de Belo Horizonte é a Associação José do Patrocínio, hoje CISCURNE. Segue-se o M.N.U. - Movimento Negro Unificado; o Centro de Estudos Afro-brasileiros da FAFICH /UFME; Grupo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros da UFMG; Nzinga, coletivo das Mulheres Negras Casa Dandara; Federação Umbandista de Minas Gerais; INTECAB; Conjugação Mineira de Candomblé, CONCAN-Centro de Articulação e Resistência Afro-brasileira - CENARAB; APNS; GRUCON; Companhia de Danças Bataka; de Arte Negra; Associação Mineira das Escolas de Samba e Blocos Caricatos AMESBEC; Grupo Una de Capoeira Angola; Pelourinho; Grupo de Capoeira Regional; Hip-Hop; União de Negros pelo Combate ao Racismo. (Cardoso, 2002)

# Tradicionalis vultos negros

## 12

### MINEIROS

- ◆ Aleijadinho
- ◆ Chica da Silva
- ◆ Chico Rei
- ◆ Edson Arantes do Nascimento - Pelé
- ◆ Milton Nascimento

Pereira, Edmilson de Almeida. Os tambores estão frios: Herança cultural e sincretismo religioso no ritual de candombe. Juiz de Fora. Funalfa. Belo Horizonte. Mazza Edições. 2005. Marcos Antonio. O Movimento Negro em Belo Horizonte. Mazza Edições. 2002.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Antologia poética



## **Nação curuzu**

**(Marcos Costa e Lucas Santana)**

Sou eu, considerado o mais belo dos belos  
Pioneiro, Bloco Afro Ilê Aiyê  
Dança africana, cabelo de trança  
Referência mundial  
Sua trajetória Ilê  
É muito mais que o carnaval  
Feliz da vida a esperar, feliz da vida  
Na expectativa só pra ver a raça unida  
Mas na verdade eu só quero expressar  
O meu modo de ser, meu jeito de pensar  
De cabeça erguida eu vou com Ilê  
Onde ele me levar  
Nesse balanço de mar azul  
Ilê Aiyê vai de norte a sul  
De leste oeste balança Nordeste  
Nação Curuzu  
Povo da cor toca tambor, tira som de agogô  
Mãe vem pra vê seu filho no Ilê  
Coisa mais linda de ver

1º LUGAR POESIA

## **Beldade negra**

**(Nem Tatuagem)**

Pode me pisar,  
Me machucar,  
Me maltratar, me fazer sofrer  
Mas eu não abro mão  
Dessa beldade negra chamada Ilê  
É mais que um diamante  
É o sol que brilha radiante nessa imensidão  
Eu sei que o o Ilê Aiyê  
Há tempos faz morada no meu coração  
Seja noite ou dia  
Esteja onde estiver, contigo eu estarei  
Se te amar é minha sina  
Por nada nesse mundo eu te deixarei  
Me leve Ilê  
Por favor, me leva  
Sem você não vivo  
Luz do meu sorriso, minha aquarela  
Essa magia encanta na ginga, na dança  
Envolve o meu ser  
Quando Ilê toca, o mundo abre as portas  
Para um novo viver

2º LUGAR POESIA

# Mãe pérola negra

(Petros Nobre)

Uma voz serena, na expressão sabedoria  
Essa mulher guerreira  
Foi minha guardiã  
A minha luz do dia  
Eu tenho sua bênção, Hilda Jitolu  
A saudade é imensa  
Cada vez que eu ouço  
O nome Curuzu  
Filha de Obaluaê, religião  
O povo negro sabe  
Da sua trajetória  
E dedicação, ô mãe!  
Mãe Seus conselhos, seus abraços  
Os teus beijos, os teus carinhos  
Mãe oh Mãe.  
Me ensinou a direção  
Hoje eu sei andar sozinho  
Mãe oh Mãe  
Tudo que eu sou na vida  
Agradeço a você minha mãe  
Mãe, tá fazendo falta no Ilê  
Oh minha menina, exemplo de fé  
Defendeu a cultura  
Nos deixou legado o seu candomblé  
A força e o amor de raiz africana de cá  
Ela era lalorixá, meu bem  
Hilda rainha Matriarca do Ilê, Ilê.  
Eu já sabia, pérola negra era você  
(Bis)

3º LUGAR POESIA

## **Etana zambê**

**(Jucka Maneiro – Sandoval – Roberto Cruz)**

Enigmática Minas Gerais  
História do Brasil  
Canta Ilê  
A luta pela liberdade  
Contra a opressão colonial  
A força do trabalho africano  
Servindo o sistema  
Construindo um patrimônio  
Artístico e cultural  
Magníficas arquiteturas  
Ouro Preto Beleza de Minas  
Do Curuzu, sou Ilê  
A pérola negra mais linda  
Etana Zambé Toca Ilê  
Pra dançar Canjari, Gunga  
Na pisada do massapé  
O mais belo  
E lindo demais de se ver  
Religiosidade africana  
Referência em Minas Gerais  
Cânticos moçambicanos, rituais  
Procissão, confraria, congado  
Em cada canto ilumina  
O Ilê canta a arte que vê  
Nas cidades de Minas  
No Zambí, no Zambí, no Zambí  
No Zambí, no Bamba Querê Bangolá,  
Bangolê pra dançar  
Quero ouvir Banda Aiyê

1° LUGAR TEMA

## **O sangue africano**

**(Dico e Gabi Guedes)**

Minas Gerais o Ilê Aiyê vem homenagear  
Símbolo de resistência do povo que veio de África  
Bate forte no couro, nas minas de ouro riqueza se fez  
O negro era escravo do colonizador português  
Vieram de Angola, Congo, Moçambique e outras etnias  
Na sua bagagem força, coragem e sabedoria  
Fundaram Quilombos numa tentativa de libertação  
Trabalhando sol a sol, ajudou construir essa nação  
Igrejas, Palácios, Museus, Monumentos culturais  
Nos contam história de luta do povo de Minas Gerais  
Corre na veia o sangue africano  
Pulsando forte ao som do tambor  
Toda beleza de Minas Gerais  
O Ilê Aiyê traz para Salvador  
Muitos movimentos tiveram destaque nessa região  
O Golpe Militar, as Diretas Já, foram revolução  
A Inconfidência Mineira, um movimento social  
Ouro Preto cidade Barroca, Belo Horizonte sua capital  
Milton Nascimento poeta da terra,  
Edson Arantes rei do futebol  
Chica da Silva, Nzinga, Nbande, uma trajetória de estrela maior  
Diversidade nas festas de rua, na gastronomia e na religião  
Um cristianismo africanizado em um processo de afirmação

2º LUGAR TEMA

## **Pérola mineira**

**(Kátia Show – Jóia Santos – Genivaldo Evangelista)**

Nossa Senhora do Rosário abençoa o meu Ilê  
É timborete sagrado de fé com licença Awé, Awé  
Minas é como Angola e Moçambique  
Minas é pura resistência  
Contra a opressão sempre lutou  
Mineira a inconfidência  
Ouro Preto é uma pérola mineira  
Patrimônio mundial  
Toca engoma Band'Aiyê  
Banquê, Banque Minas  
Gerais no Carnaval  
Rebrilha, expande Curuzu  
Minha África Brasil  
Que beleza Ilê Aiyê, falar do mineiro  
Minas Gerais, Minas Gerais  
Ilumina meu Ilê que é bom demais  
Minas Gerais, Minas Gerais  
Ancestralidade, Janza, Rituais  
Na festa de Chico Rei  
Irmandades vão dançar no congado  
Minha rainha faz dança de orixá  
O quilombo do Ambrósio  
É como Ilê, bem resistente  
Onde assim sobreviveram  
Negros fortes conscientes  
Na memória Aleijadinho  
Chica da Silva e Tiradentes  
Quilombolas Edson Arantes  
Milton Nascimento em um canto Avante  
Arturos é a voz da África Expressão negra  
Ilê Aiyê Liberdade ainda que tardia  
Minas Gerais, Ilê minha Bahia

3º LUGAR TEMA

# Filho meu

(Marco Boa Morte)

Papai me fez um pedido  
Meu filho quando crescer  
Não vá cair no abismo, respeite quem fez por você  
Te dou carinho, sou amigo, abrigo, se merecer  
Mas trago uma coisa comigo, filho meu tem que me obedecer  
É beleza pura o pano do Ilê  
É beleza pura o charme do Ilê  
É beleza pura o tambor do Ilê  
Swinga aí Band'Aiyê  
Se você pisar na bola você vai se arrepender  
Quando se entra na roda é por que  
É porque sabe mexer  
Ajoelhou vai ter que rezar  
Não vá se ofender  
Quem tá na chuva quer se molhar  
Eu sou Ilê Aiyê  
Se errares darei castigo prezamos pela retidão  
Porque todo pai quer o bem do seu filho  
Pra a galera aplaudir na palminha da mão  
É beleza pura o pano do Ilê  
É beleza pura o charme do Ilê  
É beleza pura o tambor do Ilê  
Swinga aí Band'Aiyê

## **O amanhã do Ilê**

**(M. Othelo)**

Amanhã é dia de santo, me visto pra desfilar  
O meu afro é de alegria, tenho erê vem me ajudar  
A minha guia de Ogum com firma de Oxalá  
O meu carnaval é lindo ninguém vai me segurar  
Peregum peregum peregum sou Ilê na batida do rum  
Peregum peregum peregum sou Ilê Aiyê e não sou qualquer um  
A vida é muito boa, mas um dia vai passar  
Só ficam as ações para o povo se lembrar  
O exemplo de Mãe Hilda fez o bem sem reclamar  
Agora mora no céu pertinho de Orumilá  
Olha lá Ilê Aiyê 37 anos contra divisão  
Apartheid na Bahia é verdade meu irmão  
Quando assisto a TV Só morre pobre, só morre negão.

## **Minas candombe Ilê**

**(Marito Lima e Milton Boquinha)**

Tenho orgulho de ser negro do Ilê  
Tenho orgulho de ser negro do Ilê Aiyê  
Resistência negra Vem de Minas de lâ Congo,  
Angola e Moçambique E a rainha Nzinga  
De confrarias, irmandades, congados e candombes  
O cultivo da terra a mineração  
A construção do património histórico  
Das cidades monumentais  
Ouro Preto, São João Del Rey,  
Diamantina, beleza não tem igual  
Toca tambor de candombe Ilê  
Minas Gerais Curuzu Aiyê  
África e Brasil, Arturos  
Griots mesclam sua história  
Religiosidade no cortejo dos Reis Negros  
Chico Rei, navio negreiro  
Quilombo de Ambrosio, Campo Grande  
Nossa Senhora do Rosário  
Abençoe Isabel, Chica da Silva, Aleijadinho e o Rei Pelé  
Personalidades da história  
É o povo de Minas, leva Fé

## **O elo**

**(Marco Boa Morte)**

Negro cenário africano, mineiros e baianos laço fraternal  
Ventre e a mesma barriga mãe África ligam o cordão umbilical  
Guetos, Soweto, festejos, africanidades estabelecer  
Minas Gerais no Ilê Aiyê  
Lusa colonial subtraiu os nossos bens  
Griots Mártir e liberais Chica da Silva e Chico Rei  
Sustentação, suor, pilar, raça negra  
Minerais, Diretas Já e reticências  
Quilombos, candombes, n'dongo, comunidade  
Arturos, contribuição Congado, reinado, irmandades,  
Arte, culinária mineira, expressão Terreiros,  
Rosário dos Pretos, fé e afirmação  
Belo dos belos horizontes, Ilê Aiyê,  
Verde e amarelo esse é o elo  
BA-MG Símbolo de resistência negra, plena cultura  
Pelé, Ouro Preto, Aleijadinho, afro escultura  
Vou nesse trem "bão" que é o Ilê  
Swingando com a Band'aiyê uai uai  
Pois quem te conhece não esquece Minas Gerais

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **Atividades pedagógicas**

## atividade

1. **Complete as sílabas e descubra as regiões africanas de onde vieram os negros escravizados para as Minas Gerais.**

AN \_\_\_\_\_ LA

\_\_\_\_\_ GO

\_\_\_\_\_ ÇAM \_\_\_\_\_ QUE

U \_\_\_\_\_ GO

2. **Desembaralhe os personagens relativos à história de Minas Gerais.**

- a) DTINEREATS
- b) RIHOCCEI
- c) JLAHINEDOAI
- d) DCVIACLAHASI
- e) TRSRAOSUO

Aleijadinho, Chica da Silva, Chico Rei, Tiradentes, os Arturos

3. **Complete as sílabas e conheça os instrumentos musicais que acompanham a composição e a procissão:**

PAN \_\_\_\_\_ GO

\_\_\_\_\_ GA

TAM \_\_\_\_\_ RES DA \_\_\_\_\_ DA

BAN \_\_\_\_\_

# atividade

## 4. CAÇA PALAVRAS

C X C M A C U R A M D A M B A W Y K L O A S E D  
V H S F G T H Y U J K L O P M N C D S A S C V N  
F V F S F G A R T U R O S E R I T Y H B E R F M  
R R C C W A S D R D F G B T R E F V F H R T F B J  
E T V M O Ç A M B I Q U E A D D O B K Y N V T U  
D G F D S R V F T Y U J B G F D B K U E V R Y  
S H H C E P E L E E D N R T F F A N R I D B D T  
A Y J F S D F I A D A F F D G G G M F K A N F F  
X U U R E C V F R C A S D F N N N J D H R G C G  
D I Y T C F D D D G H G Y U G H O N S Y I F X V  
F O R A S D G H T R G D S A C E R T T R S D  
R O U R O P R E T O G G R D D E S A E T Y J A S  
C V F D F F R T T Y U E B M A Z A N A T E Ç A E

MOÇAMBIQUE

CHICO REI

TIRADENTES

PELÉ

OURO PRETO

ARTUROS

CANJARI

ETANA ZAMBÉ

MACURAMDAMBA

## **bibliografia**

- Paiva, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia*. Minas Gerais: UFMG, 2001.
- Antonil, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1982.
- Castro, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais, 2002.
- Barbosa, Waldemar de Almeida. *Negros e Quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1972.
- Campolina, Alda Maria Palhares et alii. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria da Cultura - Arq.Publ.Mineiro/COPASA MG, 1988.
- Moura, Antônio de Paiva. *A Cultura Afro-brasileira e a Festa do Rosário em Diamantina*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de MG, 1998.
- Vergueiro, Laura. *Opulência e miséria das Minas Gerais*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

*créditos da edição 2025*

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**  
**Reitora:** Georgina Gonçalves Dos Santos •  
**Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos •  
**Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo  
Silva Barata • **Coordenação de Cultura e**  
**Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação**  
**de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição  
De Menezes Soglia

**Anjo Negro Selo Editorial**

**Editor:** Danillo Silva Barata • **Editora**  
**Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana  
Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento**  
**de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos**  
**Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã  
Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão,  
Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção**  
**Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:**  
Morgana Miranda e Rex

**ISSN 2236-6784**  
**e-ISSN 2764-5878**

---

Permite-se a reprodução das informações  
publicadas, desde que sejam citadas as fontes

*créditos da edição original*

Projeto de Extensão Pedagógica  
Caderno de Educação do Ilê Aiyê  
**Vol. 19 – Minas Gerais Símbolo  
de Resistência Negra**

---

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê  
Aiyê

**Diretoria**

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda) *in memorian*

**Presidente:** Antônio Carlos dos Santos Vovô

**Vice Presidente:** Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho •  
Dário da Páscoa • Jônatas Conceição da  
Silva (*in memorian*) • Hildete Valdevina  
dos Santos Lima • Edson Tobias de Matos •  
Wilson Batista dos Santos • Osvalrizio do  
Espírito Santo • Paulo Raimundo F. Bonfim  
(*in memorian*) • Edmilson Lopes das Neves •  
Roberto dos Santos Rodrigues • Oduvaldo  
de Jesus Santos (*in memorian*) • Arany  
Santana Neves Santos • Elizete Matos dos  
Santos • José Carlos dos Santos • Vivaldo  
Benvindo dos Santos • Paulo Cezar da Costa  
Cerqueira • Maria de Lourdes Siqueira

**Pesquisa:** Maria de Lourdes

Siqueira **Colaboração:** Sandro Teles **Capa**

**e Ilustração:** Mundão **Edição e**

**Produção:** Via Direta Comunicação

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade

CEP 40365 000, Salvador • Bahia

Telefone 71 2103 3400

Telefax 71 2103 3400

Site [www.ileaiye.org.br](http://www.ileaiye.org.br)

E-mail [ileaiye@ileaiye.org.br](mailto:ileaiye@ileaiye.org.br)





MINISTÉRIO DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO

